

ACOLHIDA AO ESTRANGEIRO NO NOVO TESTAMENTO

Rita Bonassi *

Na história do judaísmo encontram-se múltiplas atitudes frente à questão dos gentios e de sua salvação. É verdade que alguns ambientes judaicos produziram intolerância e sectarismo com relação aos estrangeiros, contudo, não é correto falar de um cristianismo universalista saído de um judaísmo fechado. A tradição judaico-helenista chegou a colocar judeus e gentios no mesmo patamar, ambos empenhados em uma vontade comum de bem. Também a tradição apocalíptica considerou gentios e judeus atingidos pelo mal de igual forma e, portanto, necessitados de salvação. O rabinismo, que se desenvolve no 1º século ao lado do cristianismo, fala de uma aliança de Deus com os não hebreus e é neste contexto histórico que se coloca a figura e a ação de Jesus de Nazaré.

JESUS E OS ESTRANGEIROS

Os evangelhos nos apresentam Jesus que em todo seu agir é voltado, em primeiro lugar, à obediência ao plano do Pai, ao projeto de salvação da humanidade. Este projeto, na realidade, realizou-se plenamente na pessoa do Filho. Jesus, permanecendo em constante relação de confiança e dependência do Pai e recebendo continuamente a sua vida, pôde viver numa contínua abertura para o outro, uma vida pelo outro, para o diferente, mesmo o inimigo. Jesus era consciente de ter sido enviado às ovelhas perdidas da casa de Israel (Mt 15,24), no entanto, ao encontrar pessoas estrangeiras como a mulher sírio-fenícia (Mc 7,24-30), a samaritana (Jo 4,7-30), o centurião (Mt 8,5-13), mesmo sempre afirmando a distância e a diferença entre judeus e estrangeiros, inicia uma relação, um diálogo com quem se manifesta aberto ao dom de Deus suscitando assim uma resposta de fé. As diversidades étnicas e culturais, reconhecidas por Jesus, são superadas pela fé. Na atitude de fé, então, é que acontece o autêntico encontro entre

o estrangeiro e Jesus. Também ao saber que alguns gregos, estrangeiros, queriam vê-lo (Jo 12,20-28), Jesus percebe neste fato que chegou a sua hora, em que, com a sua morte, unirá toda a humanidade.

É depois da Páscoa que se torna possível a plena inserção dos estrangeiros na salvação de Jesus. O primeiro que proclamou sua fé em Cristo Jesus, foi justamente um estrangeiro, o centurião romano aos pés da cruz, ao ver como Jesus morreu, com amor, perdoadando. A partir da morte e ressurreição de Jesus pôde iniciar-se, de fato, o anúncio do Evangelho a todos os povos da terra.

A igreja é, então, universal em sua origem: é uma comunidade de fé com o horizonte aberto para o mundo e isso aparece evidente na passagem do Pentecostes (At 2), ponto de partida de um caminho de abertura a todos, de comunhão com todos, pois todos, em Cristo, somos filhos amados de Deus.

Lucas em seu evangelho salienta a universalidade da pessoa de Jesus, “luz para os povos” (Lc 2,32), e de seu ministério. Coloca os estrangeiros ao lado dos excluídos, os quais são, no entanto, os acolhedores do projeto de Deus: os pobres, publicanos, pecadores, as prostitutas. Eles se tornam também símbolo da humanidade que está pronta para acolher o dom de Deus.

Na parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37) - o estrangeiro que se dobra sobre outro estrangeiro ferido - Jesus inverte o sentido da pergunta: “quem é o meu próximo?”. Indicando no não-próximo, no não-nacional, num estrangeiro, aquele que é capaz de sentir compaixão para com quem sofre, convidamos a sermos nós mesmos o próximo dos que encontramos. Nesta passagem de Lucas, a compaixão é do samaritano, não do sacerdote ou do levita, enquanto, no Antigo Testamento, é Deus o sujeito da compaixão. Considerando que “sacerdotes, levitas e filhos de Deus” eram a definição de todo o povo de Israel (Bianchi, 1998, p. 27), Lucas, substituindo o terceiro termo com “samaritano”, um estrangeiro, visto negativamente do ponto de vista religioso, lhe confere um significado denso. Com a narração da parábola, Jesus põe implicitamente outra pergunta: “quem é estrangeiro?”. O próprio Jesus se identifica com o estrangeiro: “Eu era estrangeiro e vocês me acolheram”

/...

bem como com todos os que necessitam de qualquer ajuda (Mt 25,31-46). Ele, então, continua presente na história naqueles que estão à margem da sociedade: neles está presente o Crucificado. O cristão, em seu seguimento a Jesus, em seu caminho de conformidade a Cristo, é chamado a vencer com a misericórdia e o amor as barreiras que se lhe apresentam no encontro e na acolhida ao estrangeiro como: as diferenças culturais, lingüísticas, étnicas, que podem gerar medo. No outro encontramos sempre Jesus que faz acontecer o encontro e o diálogo na medida em que ficamos abertos ao novo.

JESUS ESTRANGEIRO - IGREJA ESTRANGEIRA

Jesus vive em seu êxodo na terra uma experiência de estranhamento assim como a viveram os profetas: não é acolhido "em sua pátria entre os seus" (Mc 6,4; Mt 13,57; Lc 4,24; Jo 4,44). Os Evangelhos nos mostram que Jesus se percebe ele mesmo como estrangeiro, como podemos ver no encontro com a Samaritana (Jo 4,9) e diante de Pilatos (Jo 18,35).

Para poder conhecer Jesus, então, é necessário aceitá-lo como estrangeiro, não com os parâmetros étnicos de sua origem e sim teológicos. Para isso, é preciso fazer o salto da fé. Jesus, como um estrangeiro, fala uma língua diferente que causa contínuas incompreensões (Jo 8,43) que revelam a incapacidade de acolher a Palavra feita carne. Aquele que vem revelar o amor do Pai (Bianchi, 1998, p. 28).

A passagem do evangelho de Mt 25,31-46 nos diz que Jesus permanece estrangeiro até o fim dos tempos. À pergunta: *Senhor, quando te vimos...?* (v. 38-39) segue-se a resposta do rei: *Todas as vezes que vocês fizeram isto a um dos meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizeram* (v.40). Esta pergunta pressupõe uma novidade com respeito à convicção já clara, no Antigo Testamento, de que amar o próximo é amar a Deus. Pode-se descobrir esta novidade no capítulo seguinte (Mt 26), no relato da paixão: nos diz que Jesus com sua morte na cruz vem ao nosso encontro na situação de extrema necessidade, como aquele que tem fome, sede, etc., e não somente isto. Quando, por exemplo, o anjo anuncia a ressurreição para as mulheres, diz: *sei que procurais Jesus, o Crucificado, não está aqui, ressuscitou* (Mt 28,5). A forma verbal grega usada para dizer o crucificado indica um estado permanente; Jesus não é o crucificado somente por três dias, mas para sempre. *Tinha fome, tinha sede, era estrangeiro*: todas as situações de necessidade e de dor humana são inseparáveis dele. No final do evangelho Jesus diz: *eu estou com vocês*. Isto é: *eu, o crucificado, estou com vocês*. Aquele que no começo do evangelho (1,23) tinha sido chamado o *Deus-convosco* está conosco como o crucificado. É a nova modalidade com a

qual o *Deus-conosco* está presente na história. Então, todas as situações de necessidade, mesmo as que normalmente parecem sinal da ausência de Deus, são aquelas nas quais a sua presença é mais segura. É uma verdadeira revolução de nossa maneira de pensar. Ele está presente como o mais necessitado, o menor, mas também como alguém que não é reconhecido e permanece estrangeiro. Mas aquele que é para sempre crucificado é para sempre ressuscitado (Mt 28,5): duas realidades indivisíveis, a dor e a morte não são mais separáveis da vida nova do ressuscitado. Não há dor pequena ou grande, dentro ou fora de nós, na qual não esteja já semeada a semente da vida.

A página de Mt 25,35-41 diz, porém, que a passagem da morte para a vida não é automática e sim acontece graças ao amor, graças a quem, diante da dor, coloca-se a amar. A semente da vida, já semeada em cada situação de dor, pode crescer e vencer cada sofrimento, cada morte lá onde alguém se coloca a amar (Fumagalli, 2000).

A realidade de Jesus estrangeiro, incompreendido pelos seus discípulos e recusado pelo seu povo, exercia um papel de fortalecimento da identidade na comunidade de João, que estava vivendo hostilidades e incompreensões. Mas, de modo especial, o tema de Jesus estrangeiro exerce também um importante papel cristológico. O Novo Testamento nos mostra que a revelação de Deus acontece através de um ato seu de auto-estranhamento: Deus se faz estrangeiro para encontrar o homem (Fl 2,5-11) e para fazê-lo entrar em sua comunhão, participar de sua vida (2Pd 1,4) tornando-o familiar de Deus (Ef 2,19). A fé permite superar a categoria étnica e nacional pessoal e dos demais e permite viver em Cristo. Nele, não há Judeu nem Grego (Gal 3,28); somos nova criatura (2Cor 5,17); nossa cidadania está nos céus, não temos aqui cidade permanente, procuramos a que há de vir (Hb 13,14); estamos no mundo sem sermos do mundo (Jo 17, 11.14); somos como estrangeiros que residem aqui temporariamente (1Pd 2,11).

Entende-se que o tema do "Jesus estrangeiro" se torna constitutivo da mesma igreja (Bianchi, 1998, p.30). Percebendo-se como estrangeira pode viver a acolhida do estrangeiro; não tendo pátria ou nação que a define, sendo peregrina, pobre como seu Senhor, que não tinha onde reclinar a cabeça (Lc 9,58), ela pode desenvolver sua índole escatológica e viver a espera do Senhor que vem. Como estrangeira e pobre, a Igreja vai se estruturando na pobreza, que lhe permite acolher os pobres e ser reconhecida pelos pobres. O seu ser estrangeira lhe permitirá não ficar presa nas redes do nacionalismo, das lógicas de pátria e da identificação étnica, tornando-se de tal modo ocasião de liberdade e anúncio de esperança, profecia do reino, que irá hospedar a humanidade toda. A acolhida ao estrangeiro por parte do cristão não pode separar-se do fato dele mesmo ser estrangeiro, não com base em determinações raciais e étnicas, mas exclusivamente espirituais e teológicas.

Jesus viveu a abertura ao outro de maneira radical, quebrando os códigos de separação entre judeu e samaritano, puro e impuro, homem e mulher. O cristianismo, portanto, apresenta-se como espaço de encontro entre diferentes. O cristão pode, é claro, ser de qualquer etnia ou nacionalidade, por origem e cultura, mas por vocação tem que se despojar de toda atitude exclusiva com relação ao outro, a fim de deixar que aconteça nele a diferença do outro. Aqui está o significado profundo da acolhida ao outro, ao estrangeiro, que nos pertence, pertencemos-nos todos como humanidade filha de Deus, para caminharmos juntos na comunhão e no serviço recíproco rumo à pátria definitiva.

ACOLHIDA DOS PAGÃOS NA IGREJA

O episódio narrado por Lucas (At, 10-11) da acolhida de Pedro na casa do pagão Cornélio simboliza a superação das distâncias étnicas e da ideologia dos tabus puro-impuro. A comunhão de mesa ("koinofagia") é possível entre hebreus

e não hebreus e é o melhor símbolo da acolhida recíproca. A ação do Espírito, que desce também sobre os não hebreus, a vontade de Deus que não faz acepção de pessoas, o exemplo de Cristo que confirmou a fé de pagãos não circuncisos, leva Pedro a afirmar que quem teme a Deus e pratica a justiça, a qualquer povo ou nação pertença, é agradável a Deus (At 10,28). É mesmo a acolhida ao estrangeiro que caracteriza a igreja nascente do núcleo judaico. A igreja se coloca entre o povo eleito e os povos, e se coloca como congregação dos fiéis, como igreja *exgentibus*, não como igreja *gentium*. Permanece então marcada por uma vocação ao exílio, à diáspora, à dispersão entre culturas e etnias, sem nunca identificar-se com uma delas.

A questão da acolhida, da hospitalidade aos estrangeiros é inerente à natureza da igreja, é a prova de sua fidelidade à Palavra de Deus.

*** Rita Bonassi é Missionária Secular Scalabriniana, Mestre em Sociologia pela PUC/SP.**

QUESTÕES TEOLÓGICO-PASTORAIS SOBRE A HOSPITALIDADE AOS MIGRANTES

Toda reflexão bíblica feita até aqui visa trazer à presença da sociedade e da Igreja critérios éticos e religiosos apoiados na autoridade da Palavra de Deus, a fim de iluminar o discernimento humano sobre as questões que desafiam o mundo atual. Nesse sentido, toda a reflexão sobre hospitalidade tem por objetivo recolocar os fundamentos éticos desta atitude humana, em sintonia com as indicações da Palavra de Deus. Com efeito, a questão da acolhida e da hospitalidade cresce em importância na medida em que a mobilidade dos povos, o cruzamento de diferentes deslocamentos de população, leva a moldar uma nova sociedade, diversificada socialmente e múltipla culturalmente, em que os velhos

problemas somam-se aos novos, tornando mais complexas as novas situações de convivência entre os grupos sociais. Como re-propor a atitude da hospitalidade no interior da sociedade multicultural, em que a percepção do território, da estabilidade social, do cotidiano, das referências culturais e étnicas, mudam constantemente? Em que medida as leis podem e devem re-fundar a convivência social? Em que termos se deve colocar a hospitalidade, enquanto relação humana e contato pessoal, fundamento da atitude mais trivial e cotidiana em que se apóia a ação pastoral? O que se deve aceitar e o que se deve rejeitar nas relações com aquele que é diferente de nós? A dialética entre hospitalidade e hostilidade deixa de ter lugar no atual paradigma civilizatório da globalização? É justificável uma acolhida completamente sem discriminações (ou seria antes uma temerária "acolhida indiscriminada")?

Sidnei Marco Dornelas *

/...